

# Para uma aproximação Língua-Literatura em português de Angola e Moçambique\*

Perpétua Gonçalves\*\*

\* Agradeço à Gabriela Antunes, ao Michel Laban e ao João Melo as contribuições a uma versão anterior deste texto.

\*\* Professora da Universidade de Maputo. Moçambique

## Uma abordagem linguística da linguagem literária

No pós-independência dos países africanos de língua oficial portuguesa, a massificação do uso do Português teve como consequência a formação de variedades locais desta língua, que, apesar de apresentarem ainda alguma instabilidade, constituem já o património linguístico de comunidades importantes. Assim, em países como Angola e Moçambique – que partilham entre si o facto de estarem localizados na zona das línguas bantu – as normas locais desta língua distinguem-se do padrão europeu por alterações registadas ao nível do sistema fonético-fonológico, do léxico e também da sintaxe.

Como se inserem os escritores neste processo de variação e mudança linguística? Que fatia do novo sistema linguístico adoptam no seu discurso literário? Este é o contexto da comunicação a ser aqui apresentada, na qual procurarei estabelecer uma ponte entre as variedades do Português de Angola e Moçambique, e a linguagem literária.

Conforme já tive oportunidade de referir, ao analisar o caso específico de Moçambique<sup>1</sup>, a situação linguística acima descrita abre aos escritores um leque muito rico de escolhas linguísticas. Estes podem optar entre escrever numa língua bantu local - o que raramente acontece - e/ou escrever em Português. Para os casos de opção pela escrita em Português, existem diferentes possibilidades. No caso de Moçambique, por exemplo, há escritores que adoptam a norma europeia

<sup>1</sup> Cf. GONÇALVES, P. A Situação Linguística em Moçambique – Opções de Escrita. *Colóquio-Letras*, n. 110-111, p. 88-93, 1989.

na sua escrita, outros que “salpicam” um discurso regido pelo modelo europeu de vocabulário em línguas locais, e outros ainda que parecem preferir deixar que as normas do Português produzidas por esta comunidade de locutores sejam parte do seu discurso literário. Penso que esta caracterização sumária se adequa ao caso da literatura angolana em Português, onde me parece existe igualmente um amplo espectro de opções linguísticas, que oscila entre a fidelidade ao padrão europeu e um progressivo afastamento das suas regras gramaticais.

Na presente comunicação, gostaria de me ocupar do último tipo de escritores, isto é, daqueles que se demarcam claramente da norma europeia, recorrendo a diferentes tipos de estratégias linguísticas. Por me parecer que representam formas distintas de apropriação do processo de variação e mudança que atinge o Português nestes países, escolhi a linguagem do escritor moçambicano Mía Couto (MC) e do escritor angolano Luandino Vieira (LV) como objecto desta análise linguística. Ainda que na obra destes dois escritores se encontrem tanto inovações lexicais como sintácticas, o primeiro sobressai pelo uso de diferentes tipos de processos lexicais, e o segundo distingue-se pela criatividade ao nível da sintaxe do seu discurso literário, pelo que, na minha abordagem das suas obras, vou referir-me mais particularmente a estes aspectos.

Trata-se de um exercício em que procurarei pôr algumas técnicas usadas na análise formal das línguas naturais ao serviço da linguagem literária. Com este tipo de abordagem, espero proporcionar um olhar diferente sobre a língua destes escritores, produzida num contexto sociolinguístico de mudanças “catastróficas” no sistema gramatical de referência, o padrão europeu. Espero também que esta proposta de pesquisa não seja interpretada como uma visão reducionista da linguagem literária, mas apenas como mais uma perspectiva de observação – entre tantas outras de natureza diferente – que pode ajudar a compreender como se constrói uma obra de arte, no domínio da literatura. À semelhança do que tem sido feito para os crioulos, no final da análise procurarei estabelecer um *continuum* linguístico do Português, em que estejam ordenadas as diferentes variedades/normas desta língua, começando num extremo do espectro (o Português europeu), passando por estágios intermediários (as diferentes normas locais, neste caso as normas de Angola e Moçambique), e culminando nos estilos literários (as variedades individuais dos escritores que não adoptam a norma europeia como modelo)<sup>2</sup>. Tendo em conta que este exercício contrastivo linguagem corrente-lingua-

<sup>2</sup> Cf. MUYSKEN & SMITH que, referindo-se à dificuldade em identificar os crioulos como línguas particulares, mencionam a existência de um *continuum* de formas de fala, variando de um extremo do espectro (o “basilecto”) através de estágios intermediários (variedades “mesolectais”) até à língua lexificadora (o “acrolecto”). MUYSKEN, P. & SMITH, N. The Study of Pidgin and Creole Languages. In ARENDS, J., MUYSKEN, P., & SMITH, N. (Eds.) *Pidgins and Creoles: an Introduction*. p. 3-14. Amsterdam: John Benjamins, 1994.

gem literária exige algum conhecimento do Português de Angola (PA) e de Moçambique, e não existindo estudos disponíveis sobre o PA, não levarei muito longe as minhas observações sobre o contraste de LV-PA, limitando-me a fornecer algumas pistas que podem ser estimulantes para futuras investigações.

De um modo geral, os linguistas não se ocupam da linguagem literária, considerada um produto individualizado, não representativo da comunidade de locutores de uma língua, e não podendo, por essa razão, ser considerada uma base válida para o conhecimento da faculdade humana da linguagem, um dos objectivos centrais da linguística moderna. Contudo, é minha opinião que talvez haja algo a ganhar com um contacto, mesmo que experimental, com o discurso literário, sobretudo nos casos em que a sua especificidade reside não apenas na sua riqueza ou originalidade temática, mas também numa ruptura com as normas usadas na linguagem corrente. Com efeito, actualmente, os linguistas reconhecem cada vez mais que a estabilidade dos estados de língua sincrónicos nem sempre proporciona à investigação sobre as línguas naturais uma visão clara do seu modo de funcionamento, e que são frequentemente as rupturas no equilíbrio dos sistemas linguísticos que tornam mais salientes as suas propriedades. Anderson<sup>3</sup>, um especialista em teoria morfológica, considera, por exemplo, que as mudanças das línguas naturais, em que são alteradas algumas regras gramaticais de um dado sistema linguístico, podem ser de grande interesse para a investigação, uma vez que “tal como um animal destacando-se no fundo de uma floresta, os contornos de uma gramática podem ser lançados num relevo súbito quando alguma coisa muda.” É assim que o estudo das diferentes variedades do Português, brasileira ou africanas, e até da linguagem dos escritores, pode pôr em destaque aspectos da gramática do Português, que ficam obscurecidos em situações linguísticas estáveis.

## O Português de Angola e Moçambique

Como foi referido no início, as variedades do Português de Angola e Moçambique estão em formação num contexto de contacto com línguas do grupo bantu, e distinguem-se do padrão europeu por alterações registadas a nível do seu sistema fonético-fonológico, do léxico e também da sintaxe. De um modo geral, o facto de o Português não ser a língua materna da maior parte dos seus locutores, parece “acelerar” o processo de mudança desta língua. Contudo as alterações registadas apresentam ainda grande instabilidade e variabilidade, não sendo partilhadas de forma sistemática pela totalidade dos locutores destas comunidades linguísticas<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> ANDERSON, S. *A-Morphous Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press., 1992. p. 337.

<sup>4</sup> GONÇALVES, P. A Construção/Abandono de uma Variedade de Português em Moçambique. Comunicação apresentada no VII Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa, 1997 (Rio de Janeiro, 31/3-4/4/97) (não publicado)

As divergências relativamente ao padrão europeu são o resultado natural do processo de aprendizagem do Português por falantes com línguas maternas bantu, em contextos em que há pouca ou nenhuma oferta linguística de acordo com a norma europeia. Isto é, os desvios a esta norma não são produzidos conscientemente por uma comunidade de falantes que quer construir a sua identidade linguística nacional – para além daquela que as diversas línguas bantu facultam – mas resultam em geral da falta de exposição à norma de referência, que poderia permitir a convergência com a língua-alvo.

Cabe normalmente aos intelectuais e aos políticos valorizar e recuperar socialmente os diferentes processos linguísticos inconscientemente produzidos pelos membros da comunidade, considerados evidências atraentes do processo de nativização do Português no pós-independência dos países africanos. Em geral, há maior abertura aos fenómenos que assinalam a renovação lexical da língua ex-colonial, do que aos desvios a nível da chamada gramática da língua, que são objecto de censura escolar e até social. Assim, estimulam-se e divulgam-se neologismos lexicais, mas condenam-se e classificam-se como erros as faltas de concordância ou as incorrecções na flexão dos verbos<sup>5</sup>. Note-se que do ponto de vista linguístico mais restrito, tanto estão excluídos do sistema da língua portuguesa os neologismos como os erros de gramática: só um olhar não linguístico (político?) pode diferenciar e classificar como aceitáveis ou não as diferentes evidências sobre a mudança das línguas natutais.

Vivendo neste ambiente linguístico, como reagem escritores como LV ou MC? Que fidelidades ou infidelidades linguísticas cometem no seu discurso, quer seja relativamente ao modelo “original”, o Português europeu (PE), quer seja em relação às normas do Português emergentes nos seus próprios países? Ambos fazem parte do grupo de escritores que não adoptam integralmente a norma europeia no seu discurso literário. Tratando-se, nos dois casos, de falantes nativos de Português, que conhecem esta norma, a presença de formas desviantes no seu texto literário tem de ser tomada como uma plena opção da sua escrita em Português. Tal não significa, contudo, que os desvios que ocorrem nas suas obras procurem respeitar as “novas” regras do Português, criadas pelas comunidades de falantes desta língua em Angola ou Moçambique. Em entrevista conduzida por Michel Laban<sup>6</sup>, LV, por exemplo, mostra claramente que, embora considerando necessário aproveitar literariamente o Português corrente de Angola, “um escritor tem a liberdade de criar uma linguagem que não seja a que os seus personagens utili-

<sup>5</sup> Exemplos: *Raparigas bonito* ou *Eu fazl este bolo*.

<sup>6</sup> LABAN, M. Encontros com Luandino Vieira em Luanda. In *Luandino – José Luandino Vieira e a sua Obra*. p. 11-82. Lisboa: Edições 70, 1980. p. 27.

zam, uma homóloga desses personagens”. Uma evidência desta descontinuidade entre o discurso corrente em Português e a linguagem literária é, por exemplo, o facto de não se encontrarem na obra destes escritores os chamados erros de gramática, tão frequentes em faixas sociais de falantes de Português/L2 menos instruídos, revelando assim uma clara demarcação destes escritores das normas locais. Em suma, falantes nativos de Português, LV e MC apresentam em comum o facto de produzirem uma linguagem literária na qual há uma clara distanciação da norma europeia, e embora esta posição linguística possa ser favorecida pelo ambiente de variação e mudança linguística que se vive nos dois países, tal não implica necessariamente uma resposta mimética, em que haja preocupação de fidelidade a um modelo linguístico, nacional.

## A “variedade” do Português de Mia Couto

Conforme referi inicialmente, a análise da linguagem de MC incidirá na área lexical, por ser aquela em que a obra deste escritor mais se destaca do ponto de vista linguístico. Note-se, contudo, que, embora menos salientes estilisticamente, não estão ausentes das suas obras construções sintácticas que parecem, de alguma maneira, reproduzir padrões estruturais observáveis no discurso da comunidade moçambicana de locutores de Português<sup>7</sup>.

Tendo em vista a integração deste escritor num *continuum* do Português, começarei por uma apresentação de algumas características do PM ao nível do léxico. Antes, porém, uma breve introdução aos materiais que integram essa componente das línguas naturais a que chamamos Léxico.

O léxico das línguas naturais é composto por diferentes tipos de unidades lexicais, algumas com autonomia sintáctica (as palavras) e outras que só “sobrevivem” associadas a outras unidades lexicais (os radicais, os prefixos e os sufixos). O léxico de uma língua pode renovar-se e alargar quer através dos seus recursos internos (por neologismos lexicais, isto é, combinando estas unidades lexicais de diferentes formas, ou por neologismos semânticos, isto é atribuindo novos sentidos a unidades pré-existentes<sup>8</sup>), quer recorrendo à importação de unidades lexicais de outras línguas (os chamados neologismos por empréstimo).

<sup>7</sup> Está neste caso o uso dos pronomes pessoais átonos, em frases como: *Ele trouxe-lhe para terra.* (= trouxe-a) (TS:118). Note-se, contudo, que, ainda no que se refere ao uso dos pronomes pessoais, o escritor usa padrões de ordem que não são nem do PE nem do PM (tanto quanto os dados já recolhidos mostram), colocando-os em posição pré-verbal: *Ela se banhava.* Esta é uma evidência da “originalidade” linguística dos escritores, acima referida.

<sup>8</sup> Por exemplo, actualmente é frequente a criação de novas palavras na área dos computadores, destinadas a preencher lacunas lexicais nesta área semântica. Exemplos: *computarização* (em que há uma combinação “nova” do sufixo *ção* com uma base) ou *ficheiro* (em que é atribuído um “novo” sentido a uma palavra já existente).

Conforme já tive oportunidade de referir<sup>9</sup>, no PM são ainda em número reduzido as inovações lexicais por empréstimo, e há também pouca produtividade no nível das neologias lexicais, em que há combinação de diferentes materiais lexicais. Os primeiros são em geral introduzidos para nomear aspectos culturais, sociais, religiosos da realidade moçambicana, e, à exceção de alguns termos que designam realidades do quotidiano da comunidade, têm uma área de utilização limitada. Quanto aos neologismos lexicais, são raros e têm carácter disperso, isto é não são partilhados em geral pela comunidade de locutores de Português. Por exemplo, em recolhas de dados orais e escritos (nomeadamente jornais) do PM, encontram-se palavras como *emprestação*, *perigosidade*, *ajudamento*, *falagem*, que derivam de novas associações entre radicais e sufixos existentes no Português. A ocorrência destes neologismos não significa, contudo, que estas palavras possam ser consideradas parte do património linguístico da comunidade, uma vez que têm carácter disperso, continuando a predominar na linguagem corrente o uso das suas equivalentes standard *empréstimo*, *perigo*, *ajuda* e *fala*. No discurso corrente, a nível do léxico, são mais frequentes as chamadas neologias semânticas, em que há alterações do sentido de palavras já existentes no PE. Estão neste caso palavras como *calamidade* ou *antepassado*, em que ou se altera radicalmente o sentido original das palavras (como em *calamidade*, que significa “roupa usada” (e inicialmente destinada a vítimas de calamidades naturais)), ou se recupera o sentido literal das palavras (como em *antepassado*, que significa “antes do último” (penúltimo)). Em síntese, pode dizer-se que não são típicas da linguagem da comunidade de locutores do PM as inovações lexicais obtidas a partir de empréstimos ou de novas combinações das unidades lexicais do PE, sobressaindo a tendência para conservar o léxico já existente, introduzindo novos traços semânticos ou recuperando o seu sentido literal.

Que paralelismos podem ser estabelecidos entre estas características do léxico do PM e o linguagem de MC? Num estudo sobre as inovações presentes em algumas obras deste escritor<sup>10</sup>, Gaspar et al. mostram que o que sobressai, ao nível do léxico, são os neologismos lexicais<sup>11</sup>. Segundo estas autoras, o processo mais produtivo em MC é o da “amalgama”, que resulta da combinação aleatória de pedaços de palavras do PE. Exemplos: *animaldades* ou *solistência*, obtidas respectivamente pelas seguintes associações: *ani[mal] + [mal]dade* e *soli[tária]*

<sup>9</sup> GONÇALVES, P. *Português de Moçambique: uma Variedade em Formação*. Maputo: Faculdade de Letras-Livraria Universitária, 1996. p. 61.

<sup>10</sup> Nomeadamente *Vozes Anoitecidas* (1987), *Cada Homem Uma Raça* (1990), *Cronicando* (1991) e *Terra Sonâmbula* (1992).

<sup>11</sup> Os exemplos da obra de MC a seguir citados são extraídos do artigo de GASPAR, A.; SANTOS, A.; & DIOGO, C.. *Inovação Lexical nos Textos de Mia Couto*. In *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, n. 12, p. 58-63, 1994.

+ *[exi]stência*. A amálgama é um processo inexistente no PM, não podendo, por essa razão, considerar-se que MC toma a linguagem corrente como fonte para as suas inovações linguísticas.

Ainda de acordo com Gaspar et al., na obra de MC são igualmente frequentes as combinações de prefixos e sufixos do Português a novas bases. Vejam-se as palavras obtidas por prefixação *descuidadoso* ou *Incompletar*, ou as palavras derivadas por sufixação *açucaroso* ou *sufrência*. Os prefixos *des-* ou *in-*, e os sufixos *-oso* ou *-ncia* existem e são produtivos em Português, como prova a existência de palavras como *desfazer* ou *Incompleto*, e *medroso* ou *fragrância*. A novidade de MC consiste na sua associação a novas bases, mesmo em casos em que o Português já dispõe de um termo equivalente, como no caso das palavras *ciumento* (vs *ciumento*) ou *sufrência* (vs *sufrimento*).

Contrastando a linguagem de MC com o PM, verifica-se, como foi referido, que, embora nesta variedade do Português possam encontrar-se associações lexicais igualmente prescritas pela norma europeia, o seu carácter disperso e pouco frequente, não permite considerar que os neologismos presentes na obra de MC reproduzem termos já em circulação no discurso desta comunidade linguística. Assim, embora tanto no PM como nos textos de MC a renovação lexical seja obtida por rearranjos de material lexical disponível, a linguagem do escritor distingue-se da variedade moçambicana do Português pela produtividade dos processos lexicais utilizados: ao nível da comunidade, a insegurança linguística que caracteriza os locutores de L2s parece bloquear o uso sistemático destas estratégias de produção do sentido, ao passo que na obra de MC estas constituem um dos recursos mais típicos da sua linguagem literária.

## A “variedade” do Português de Luandino Vieira

Linguisticamente, a obra de LV é mais difícil de caracterizar do que a de MC, dado que a sua linguagem exhibe uma acumulação de vários processos formais, lexicais e sintácticos, que podem tornar o seu texto quase incompreensível para falantes de Português que não pertencem à comunidade angolana<sup>12</sup>. A nível do léxico, encontram-se diferentes tipos de inovações, que vão desde os empréstimos ao Kimbundu, os mais frequentes, até aos neologismos lexicais. São exemplo dos primeiros palavras como *muadié* ou *monandengue*, e são exemplo dos segundos as derivações *aprendizar* ou *remorsificado*, ou ainda as reduplicações *logo-logo* ou *bocado-bocado*. Contudo, como foi referido, é sobre aspectos da estrutura

<sup>12</sup> Stern ao referir-se ao “hermetismo” de LV, afirma que a língua de LV “só é válida para a parte ocidental de Angola”. STERN, I. A Novelística de Luandino Vieira: Descolonização ao nível do Terceiro Registo. In *Luandino – José Luandino Vieira e a sua Obra*. p. 189-98. Lisboa: Edições 70, 1980.

sintáctica do seu discurso literário que vou tecer algumas considerações, uma vez que é a este nível que me parece que a obra de LV se destaca no seio da literatura escrita em Português.

Não é fácil identificar como se constrói linguisticamente a singularidade da sintaxe literária de LV, e a ausência de dados sobre o PA torna ainda mais difícil esta tarefa visto que não se dispõe de uma referência que permita estabelecer uma fronteira entre as construções produzidas pela comunidade e a criatividade do escritor. Nesta análise, a fim de cobrir as lacunas de informação sobre a gramática do PA, vou assumir que, do ponto de vista sintáctico, esta apresenta alguma semelhança com o PM, uma vez que estas duas variedades do Português são construídas num contexto de aquisição similar, em que os locutores têm línguas bantu como L1s. Isto significa que nestes dois países as línguas maternas dos aprendentes de Português pertencem à mesma família linguística, e partilham, por conseguinte algumas propriedades gramaticais. Por exemplo, nestas línguas, os nomes flexionam em classe (e não em género), a morfologia flexional é prefixal (e não sufixal), a voz passiva é obtida por um processo de sufixação (e não através de um verbo auxiliar), etc.

De acordo com teorias linguísticas recentes sobre aquisição de L2s<sup>13</sup>, as L1s maternas constituem um conhecimento linguístico prévio que condiciona o processo de aquisição das L2s. Por conseguinte, é esperável que, nestas duas variedades do Português, ocorram desvios gramaticais do mesmo tipo, uma vez que, excluindo o léxico, que varia de língua para língua, a gramática das L1s dos aprendentes de Português apresenta propriedades similares. Admito assim que, no PA, estejam em curso mudanças do mesmo tipo das que se registam no PM, comó é o caso, por exemplo, da regência dos complementos verbais (ex: *chegar em* em vez de *chegar a*), ou das regras de colocação dos pronomes pessoais átonos (ex: uso da forma *lhe* em contextos que requerem a forma *o/a*), ou da estrutura das frases subordinadas (ex: flexão do verbo no do modo indicativo em vez do modo conjuntivo).

Que reflexos destes fenómenos se encontram na obra de LV? Num estudo preliminar sobre as propriedades sintácticas do seu discurso literário<sup>14</sup>, verifiquei que se encontram na sua obra desvios que parecem ser partilhados pela comunidade de locutores do PA, como os que foram acima assinalados, relacionados com a regência verbal, os pronomes pessoais ou as orações subordinadas. A título de exemplo, no que se refere à regência verbal, encontram-se na obra de LV os verbos

<sup>13</sup> GASS, S. & SELINKER, L. *Language Transfer in Language Learning*. Amsterdam: John Benjamin, 1994 e Lakshmanan, U. Child Second Language Acquisition of Syntax. *Studies in Second Language Acquisition*, n. 17, p. 301-29, 1995.

<sup>14</sup> Base de dados desta pesquisa: *Vidas Novas* (1976), *Velhas Estórias* (1976) e *João Vêncio e os seus Amores* (1979).

*encostar em* (em vez de *encostar a*), *dar para* (em vez de *dar a*), que são provavelmente usados também pela comunidade angolana de locutores de Português. Contudo, há outros desvios que, se não são da autoria do escritor, parecem ter, pelo menos, um índice de frequência muito mais elevado do que na linguagem corrente. Está neste caso um dos processos sintácticos mais produtivos nos textos de LV, que consiste na “adição” de termos que não participam explicitamente na descodificação semântica do discurso.

Estes termos “adicionais” podem ser de natureza adverbial (como *ainda*, *embora* ou *mesmo*), ou conjuncional (mais particularmente *que*), e têm em comum o facto de não serem requeridos pelo contexto sintáctico ou semântico. Tanto quanto posso avaliar, os termos adverbiais estão esvaziados semanticamente, conferindo um tom coloquial ao discurso (exs: *O ajudante tinha ainda encostado na parede.* (VN:65); *Sua cabeça vadiava embora.* (VE:54)). Quanto ao morfema *que*, verifica-se que este é usado junto de um grupo diversificado de palavras (ex: *onde que, nem que*), entre as quais sobressaem quantificadores como *tudo, nada, muitas vezes, alguns*, conferindo-lhes uma proeminência sintáctico-semântica nos contextos em que ocorrem (exs: *Nada que ele conseguia ver.* (VN:60); *Alguns que começaram a ver* (VE:39)). Do ponto de vista linguístico, pode dizer-se que esta gramaticalização de palavras do Português é um fenómeno comum nas línguas naturais<sup>15</sup>, não sendo por isso de estranhar que ocorra tanto no PA como na variedade individual de LV. Contudo, mantendo o paralelismo com o PM – e não perdendo de vista que o Português é uma L2 – seria esperável uma tendência no sentido inverso, isto é, uma tendência para o abandono de termos que, no PE, já se encontram gramaticalizados, e que, por essa razão, são mais complexos de adquirir por falantes não nativos. A confirmar esta hipótese, no PM verifica-se que há tendência para o desaparecimento de “falsos” pronomes reflexivos (que ocorrem com verbos como *levantar-se* ou *queixar-se*) ou de preposições não interpretáveis semanticamente (que regem complementos de verbos como *abusar de* ou *bater em*)<sup>16</sup>.

Na ausência de dados objectivos sobre o PA, fica em aberto se a gramaticalização de palavras do Português é uma novidade da escrita de LV, ou se a sua criatividade reside apenas na produtividade deste processo que, embora presente no PA, não é tão dominante na linguagem corrente. Dadas as lacunas de informação sobre o PA, parece igualmente prudente não alargar a outras áreas da língua esta análise das especificidades sintácticas de LV. É possível que alguns

<sup>15</sup> Veja-se, por exemplo, em Português o uso de *lá*, sem o seu sentido locativo, em frases do tipo *Leva lá o teu livro.*

<sup>16</sup> É interessante notar que na obra de LV também se verifica esta tendência, estando omitidos não só os reflexivos (ex: *zangar* em vez de *zangar-se*) como também a preposição *a* que liga diferentes verbos auxiliares (*começar, continuar, estar*) aos verbos principais.

desvios à norma europeia localizados na sua obra sejam igualmente criação sua, e não constituam uma reprodução do discurso corrente do PA. Estão neste caso fenómenos como: (i) a omissão da conjunção *que* com o verbo *parecer* (ex: *Parecia — era chuva na terra.* (VE:87)); (ii) uso do verbo *adiantar* como verbo auxiliar (ex: *Outra pequena brisa [...] **adlanta** refrescar a cidade.* (VE: 62)); (iii) a conversão sintáctica de advérbios que são usados como substantivos (ex: *com **devagar**, com **depressa***). Só um conhecimento mais objectivo do PA permitiria determinar se estas propriedades pertencem já a esta variedade do Português, ou se são produto da criatividade do escritor<sup>17</sup>.

O que parece possível afirmar neste momento é que, à semelhança do que acontece na obra de MC, embora exista uma continuidade linguística entre o PA e a “variedade” individual de LV, o Português deste escritor distingue-se, se não pela criação de novos processos sintácticos, pelo menos por uma produtividade mais alta de alguns processos já presentes na linguagem corrente.

## O *continuum* do Português

Ao finalizar esta comunicação, vou tentar estabelecer o lugar das variedades do Português de Angola e Moçambique, assim como de MC e LV num *continuum* do Português, tomando como medida de avaliação o grau de intercompreensão entre as diversas “normas” desta língua.

Como se viu, em Angola e Moçambique estão em formação variedades do Português que se diferenciam do padrão europeu em diversos níveis, sem contudo ser posta em causa a intercompreensão dos falantes destas variedades africanas com falantes do PE. A localização geográfica de Angola e Moçambique na zona das línguas bantu faz prever que alguns dos fenómenos de mudança do Português, sobretudo os que se referem aos níveis sintáctico e fonético-fonológico, sejam comuns a estes dois países. Por conseguinte, no *continuum* do Português, é esperável que, excluindo o léxico, as variedades “mesolectais” do Português de Angola e Moçambique se situem em posições idênticas relativamente ao “acrolecto”, o PE.

Vivendo nestas comunidades, há escritores, como MC ou LV, que parecem inspirar-se neste ambiente de variação e mudança linguística, embora mantendo um discurso gerido basicamente pela norma europeia. Nas suas variedades individuais do Português encontram-se assim processos formais criados pela comunidade, e outros, da sua autoria, específicos da sua linguagem literária. A associação num mesmo

<sup>17</sup> O artigo, citado, de Stern (1980) apresenta uma caracterização da língua literária de LV que pode ser útil para uma caracterização mais profunda do estilo deste escritor.

texto destes dois tipos de desvios, nacionais e individuais, coloca a variedade destes escritores numa posição mais distante do padrão europeu do que as variedades nacionais. Este afastamento do modelo “original” é tanto maior quanto maior é a produtividade dos diferentes tipos de desvios que os escritores introduzem nos seus textos. Assim, por exemplo, comparando o discurso literário de MC e LV, verificou-se que na obra do primeiro são menos frequentes e diversificados os tipos de desvios do que em LV. Como foi aqui referido, a obra de MC destaca-se pelas inovações lexicais formadas com base em material pré-existente no Português, sendo os desvios sintáticos irrelevantes no seu discurso literário. Além disso, os empréstimos são pouco frequentes e, quando ocorrem, são explicados em notas de rodapé. Quanto a LV, foi aqui indicado que na sua obra sobressai a acumulação de diferentes tipos de desvios ao padrão europeu. Entre os desvios lexicais, predomina o uso de empréstimos à(s) língua(s) local(is), sem qualquer esclarecimento para falantes não nativos da variedade angolana do Português, o que torna o seu texto opaco e difícil de descodificar. Além disso, o texto de LV está recheado de construções sintáticas igualmente desviantes, seja em relação à norma europeia ou à própria norma local do PA.

Retomando a ideia de um *continuum* linguístico do Português em que estes dois escritores estejam integrados, parece legítimo colocar LV no ponto mais afastado relativamente ao padrão europeu – de quase ruptura com este polo do *continuum* – e integrar MC num ponto deste *continuum* mais próximo das variedades angolana e moçambicana do Português.

Chegamos ao fim deste exercício de ordenamento das diferentes maneiras de usar os meios que a língua portuguesa põe à disposição dos seus utentes, quer se trate do cidadão comum na sua interação verbal com a comunidade, ou dos escritores, que tomam esta língua como base da sua produção artística. Como linguista, considero que este tipo de incursões no mundo da linguagem literária proporciona uma visão mais ampla da faculdade humana da linguagem, revelando as infinitas potencialidades das línguas naturais que não se exibem de forma tão exuberante na linguagem corrente do cidadão comum. Em última instância este convívio com a linguagem literária renova o clássico pressuposto da linguística moderna, segundo o qual todos os seres humanos estão equipados com um sistema finito de conhecimento que os habilita a construir e interpretar um número infinito de frases. Parece ser privilégio dos escritores pôr em relevo a capacidade humana de construir um número infinito de frases numa dada língua, com base no mesmo sistema finito de conhecimento que todos nós adquirimos quando adquirimos uma língua, sobretudo a nossa língua materna<sup>18</sup>.

<sup>18</sup> Foram usadas as abreviaturas: L1 – Língua materna; L2 – Língua segunda; LV – Luandino Vieira; MC – Mía Couto; PA – Português de Angola; PE – Português europeu; PM – Português de Moçambique; TS – *Terra Sonâmbula*; VE – *Velhas Estórias*; VN – *Vidas Novas*.